

Projeto Olho Vivo: juventude e comunicação em São Gonçalo e Niterói ¹

Camila GARROUX ²

Rita de Cássia Alves OLIVEIRA ³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP

Resumo

O presente trabalho tem a intenção de refletir sobre as articulações entre os processos comunicacionais e o protagonismo juvenil. Para tanto, a investigação se baseia em produções midiáticas de jovens de São Gonçalo e Niterói por meio do Projeto Olho Vivo da organização Bem TV (Niterói, RJ). Tais produções se voltam para a transformação social, construção de identidade e de relação com o território. Os trabalhos produzidos por esses jovens retratam o enfrentamento de sua condição social e retratam sua realidade local, contextual e cotidiana.

Palavras-chave

Juventude; São Gonçalo; Olho Vivo; protagonismo juvenil; educação.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Mestranda em Antropologia do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, coordenadora das pesquisas TIC Kids Online e TIC Educação do Centro de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação sob os auspícios da Unesco – Cetic.br.

³ Doutora em Antropologia, pertence ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Participa da rede internacional de pesquisadores do GT "Juventudes, infancias: políticas, culturas y instituciones sociales en América Latina" do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) por meio do projeto de pesquisa: "Jovens/juventudes: políticas públicas e formas de participação cultural, política e comunicacional". Participa também da investigação "Violências da Democracia: o genocídio juvenil e a Comissão da Verdade da Democracia".

Introdução

O âmbito da comunicação compõe-se por meios e mediações, assim como as plataformas de visibilidade. O acesso às essas mídias tradicionais não necessariamente ocorre de forma igualitária e recorrentemente fundamenta-se no *adultocentrismo*. Temos, portanto, o jovem sendo retratado por outros atores sociais que não eles mesmos.

Com o surgimento de novas ferramentas comunicacionais em meio ao contexto digital, surgiram plataformas mais descentralizadas como as redes sociais digitais, que facilitam o acesso dos jovens à produção e distribuição de conteúdos a amplos públicos.

Jesús Martín-Barbero (2002) expõe que há um novo espaço comunicacional que envolve a juventude e vai além da televisão; englobando as tecnologias de fluxos e redes, onde há a aliança entre velocidades aceleradas de informação e de audiovisuais. Diante desta perspectiva, estamos frente a comunidades que estabelecem novas formas de perceber e expressar suas identidades, seus pertencimentos e suas produções territoriais.

Desta forma, emergem novas dinâmicas no âmbito educativo através do surgimento de um contexto difuso e descentralizado, provido de informações e saberes múltiplos. Isto é, a escola deixou de ser a única fonte do saber dos jovens, uma vez que há outros diversos canais em que circulam os saberes e que se expandem socialmente sem a mediação da escola. Há também a perspectiva de que a escola, ou seja, a educação formal seja capaz de assumir o papel estratégico em estimular o uso criativo e crítico dos meios audiovisuais e das tecnologias da informação e comunicação.

Em vista disso, a apropriação dos meios de comunicação pelos jovens de forma criativa ganha uma importância significativa no sentido de desenvolver o senso crítico e termos uma educação em que o cidadão seja capaz de identificar estratégias dos meios massivos de comunicação disfarçados de opinião pública.

Essa perspectiva coincide com os objetivos do objeto de estudos deste trabalho, o programa de formação em audiovisual viabilizado pelo Projeto Olho Vivo e coordenado pela organização Bem TV localizada em Niterói, no Rio de Janeiro.

Tratando da realidade contextual dos atores desse processo, os jovens participantes do Projeto Olho Vivo, há algo muito presente em suas vidas que vai além da questão de classe social: a violência. Tal aspecto influi nos acessos à cultura, lazer, educação e esporte, pois também se relaciona com a mobilidade e circulação do jovem dentro da cidade, região, etc.

Em meio à violência e sua relação com o território; entre as principais preocupações do Projeto Olho Vivo está a valorização da cultura local e o enfrentamento da estigmatização dos municípios de São Gonçalo e Niterói, considerados mais pobres em condição social mais desfavorecida em relação ao município do Rio de Janeiro e outras cidades do Estado do Rio de Janeiro. A exemplo disso, o projeto teve sua iniciativa fundamentada primeiramente no levantamento de memória e depois fomentou o desenvolvimento de aplicativos e filmes que retratassem e dialogassem com a realidade local.

A discriminação por endereço se coloca como uma realidade no Brasil, inclusive no mundo de trabalho e empregabilidade, onde é algo relativamente comum entre os jovens de classes mais populares. Paira no imaginário social um preconceito de que se o candidato ao emprego “mora com bandido, é bandido em potencial”. Tal diferenciação impacta na construção de identidade desses jovens, uma vez que possivelmente são impelidos a ocultar o seu endereço, para não serem discriminados.

Nesse contexto em que muitas vezes as particularidades locais acentuam ou atenuam a desigualdade social, surge a importância dos projetos sociais voltados para os jovens. Tais medidas têm apresentado desde os anos 90 um histórico de voltar sua preocupação para a marca territorial, ou seja, para o local. Por exemplo, há localidades que apresentam maior dificuldade de acesso à cultura e educação do que outras e essa desigualdade se caracteriza como um fator saliente em diversos âmbitos e camadas da nossa sociedade, inclusive em relação à juventude. Considerando os diferentes níveis de acesso à cultura, à educação; a classe social se torna um importante recorte quando considerada a relação escola/trabalho, ou seja, quando e como um jovem começa ou termina de estudar ou trabalhar, expõe traços pertinentes a sua classe social. Isso porque os acessos à educação e ao mundo do trabalho se orientam a partir das condições econômicas dos pais desses jovens.

A relevância de lançar luz aos grupos juvenis se deve entre muitos fatores a fomentar a preocupação de organizações governamentais e da sociedade civil com principalmente a juventude economicamente desfavorecida. Isso se deve, por exemplo, ao fato de que jovens dependendo de sua classe social terem acesso maior ou menor aos diferentes níveis de educação formal e a diferentes qualidades de formação pedagógica.

O presente trabalho aborda o Projeto Olho Vivo da Organização Bem TV com a intenção de refletir sobre as articulações entre os processos comunicacionais e o

protagonismo juvenil no contexto de um bem sucedido projeto social reconhecido pelo UNICEF.

Juventudes e comunicações

Ao tratar de educação e mídias, temas diretamente relacionados com o contexto da juventude brasileira, surge uma indagação: por que a juventude se tornou um tema relevante? Diante da recente e restrita visibilidade, esse grupo social ganhou mais notoriedade com a percepção de que o risco e a vulnerabilidade não terminam necessariamente no fim da adolescência, em torno dos 18 anos de idade. Paralelamente a isso, atores juvenis de camadas populares, como os jovens integrantes do Projeto Olho Vivo, passaram a se visibilizar em plataformas comunicacionais por meio de suas produções culturais e atividades de protagonismo.

Em suas Oficinas de Mídia, o Projeto Olho Vivo provê um espaço não somente de aprendizagem técnica, mas também de convivência e de troca de saberes entre os jovens alunos. As aulas-debate, aulas teóricas que tratam de temáticas como racismo, sexualidade entre outros assuntos, objetivam fomentar a discussão e a reflexão sobre temas relevantes para esses jovens.

Além dos atores sociais, há o papel fundamental das mídias como influência da cultura. Jesús Martín-Barbero (2002) coloca a televisão como importante elemento para esta ruptura geracional, partindo do pressuposto que esse meio de comunicação dissolve a divisão do mundo dos adultos e mundo das crianças, transformando os modos de circulação da informação e rompendo com os filtros de autoridade parental. Isso porque os mais jovens passaram a interagir com aspectos pertinentes ao universo dos adultos uma vez que se tornou possível assistir a guerras, jogos, problemas criminais entre outros conteúdos e situações.

Ao analisar a juventude do ponto de vista antropológico, torna-se imprescindível lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias e muitas vezes se estabelece a juventude como instrumento de controle social. Isto porque ao longo da história se observa os limites da juventude colocados como objeto de manipulação para atribuir aos jovens a ideologia de virilidade e reservar a sabedoria, ou melhor, o poder aos mais velhos (BOURDIEU, 1983). Desta forma, é importante considerar que a juventude, bem como a velhice, não são apenas dados etários, mas conceitos socialmente construídos,

estabelecendo uma relação complexa entre a idade, a condição social e o protagonismo cultural.

Tem-se, portanto a impossibilidade em tratar os jovens como um grupo unitário com interesses comuns a todos. Nesse contexto, a mídia pode colaborar para a disseminação deste tipo de construção de juventude padronizada. À medida que a os meios midiáticos reproduzem mensagens sobre a cultura juvenil ou fragmentos dessa cultura – tais como a moda, manifestações e outros aspectos – enfatizando representações de senso comum que predominam sobre a juventude; ao mesmo tempo, tais mensagens também são alimentadas pela cultura juvenil socialmente construída.

Para discorrer sobre juventude, torna-se imprescindível considerar as múltiplas possibilidades de identidade que perpassam este segmento, tais como gênero, etnia, território e localidade, renda, moradia rural/ urbana, entre outras características. Desta forma, tratando juventude como algo além de uma fase cíclica de vida, e sim, uma série de condições sociais, econômicas e culturais pertinentes a estes sujeitos sociais, os jovens. Juventude se refere, portanto a diversas formas de significação social, a qual depende de um contexto e um tempo histórico a serem levados em conta. Pode-se considerar, portanto que não há apenas *juventude*, mas sim *juventudes* onde se pensam todas essas especificidades de forma particular e contextualizada.

Para analisar tais questões é fundamental ter em mente os contextos vivenciais e cotidianos, as interações e as formas específicas de consciência pensamento, percepção e ação dos grupos culturais juvenis. No contexto brasileiro, a desigualdade social emerge como um fator saliente em diversos âmbitos da nossa sociedade, inclusive no aspecto de juventude. Nesse sentido, a classe social se torna um importante recorte quando considerada a relação escola/trabalho, ou seja, quando e como um jovem começa ou termina de estudar ou trabalhar, expõe traços pertinentes a sua classe social. Isso porque os acessos à educação e ao mundo do trabalho se orientam a partir das condições econômicas dos pais desses jovens e isso também se aplica a educação voltada para o uso crítico das mídias digitais e audiovisuais.

A partir desse recorte, tratando das camadas populares, a cultura Hip Hop surge com grande importância. O *rap*, o *break* e o grafite se colocam como expressões culturais de destaque nas regiões de São Gonçalo e Niterói por meio das rodas culturais. É claro que a cultura *hip hop* não se apresenta como um movimento homogêneo e há diversas correntes, linhas e destaques diferentes que evidenciam grupos específicos. “Cada manifestação do

rap é um resultado singular do encontro de elementos da cultura local com informações globais” (NOVAES, 2001). Sendo assim, esta vertente cultural dialoga não só com a classe social dos jovens de camadas populares, mas também com o aspecto local, o qual será tratado mais adiante.

Outro critério de divisão dos jovens se refere ao local de moradia. Sendo a perspectiva de território, importantíssima para se considerar as diferentes juventudes brasileiras, uma vez que este aspecto está relacionado também à classe social, consequentemente raça/etnia. O Brasil sendo um país de dimensões continentais, a mobilidade se coloca como uma problemática importante, inclusive dentro das grandes cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro. Diante deste ponto de vista, o local de moradia ainda interfere significativamente no acesso à cultura e educação.

A Organização Bem TV e sua parceria com o UNICEF

Presente em aproximadamente 190 países e territórios do mundo, o UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância - tem seu trabalho ancorado em evidências, conhecimento e pesquisa gerados pelo próprio UNICEF e seus parceiros. Em 2012 foi consolidado o *Office Research que era formalmente o Innocenti research Centre*, que conduz pesquisas estratégicas para construir uma base de dados empírica sobre as condições globais e identificar intervenções efetivas e boas práticas, principalmente para as crianças e adolescentes menos favorecidos.

Há aproximadamente 65 anos o UNICEF atua no Brasil principalmente no âmbito da infância e adolescência e tratando de questões básicas pertinentes aos direitos fundamentais como a redução da mortalidade infantil, desenvolvimento educacional principalmente de crianças vulneráveis, cuidados e tratamento do HIV, apoio e atendimento às crianças vítimas de violência e mapear a situação de aspectos salientados no contexto brasileiro tais como a iniquidade racial e étnica.

Neste sentido é esperado que os países possam se beneficiar das experiências testadas, gerando conhecimento para dentro e para fora do UNICEF. Entre os seus documentos oficiais, o UNICEF estabelece esforços no sentido de ir ao encontro dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (Millenium Development Goals) em áreas pertinentes ao desenvolvimento, educação, promoção e proteção de direitos e igualdade de gênero.

Devido ao incomparável alcance global, reputação e visibilidade, o UNICEF – fundo das Nações Unidas para a Infância tem a oportunidade de ser um líder mundial na emancipação dos jovens. A organização se encontra em uma posição importante para fornecer evidências e subsídios de qualidade sobre a participação cidadã dos jovens.

A escolha de investigar um projeto da Organização Bem TV ⁴ partiu de duas premissas: o apoio de um organismo de legitimidade consolidada, o UNICEF, bem como sua atuação especificamente voltada para a comunicação, processos de formação e desenvolvimento do senso crítico. O apoio do UNICEF à organização vem ao longo dos anos se consolidando por meio de idealização de iniciativas executados e coordenados pela Bem TV. Além disso, o reconhecimento por parte do UNICEF em relação ao trabalho da organização de Niterói já foi legitimado, inclusive, através de prêmios como Prêmio Itaú-Unicef, que “busca identificar, reconhecer, dar visibilidade e estimular o trabalho de ONGs que contribuem, em articulação com as políticas públicas de educação e de assistência social, para a educação integral de crianças e jovens que vivem em condições de vulnerabilidade.”⁵. A Bem TV foi a ganhadora na categoria organização de médio porte em 2007, através do seu Projeto Olho Vivo.

A Bem TV é uma organização sem fins lucrativos criada em 1992 no Rio de Janeiro e localizada em Niterói.

“Surgiu como ideia em julho de 1990, durante uma viagem de ônibus entre São Luís do Maranhão e Niterói. Dois então estudantes de comunicação da Universidade Federal Fluminense voltavam do XIV Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação (ENECOM). Lá conheceram e se encantaram com o trabalho da TV Viva, que produzia vídeos educativos e os exibia com telão e projetor nos bairros da periferia do Recife, em Pernambuco. Os dois estudantes da UFF queriam implantar, em Niterói, um projeto nos mesmos moldes”.⁶

Surgiu a partir de um debate sobre a democratização da comunicação nas comunidades ocorrido na Universidade Federal da Bahia – UFBA com o intuito de promover processos formativos em mídia tendo em vista a apropriação da técnica voltada para um debate mais político, em duas linhas de ação:

“Comunicação e Educação: Elabora, executa, sistematiza e dissemina processos pedagógicos voltados para jovens usando a comunicação como metodologia; Integração com a Escola Pública: Atua na promoção do intercâmbio de conhecimentos entre a sociedade civil organizada e as escolas, visando o aprimoramento das políticas públicas de educação”.⁷

⁴ Página da Organização Bem TV: <http://www.bemtv.org.br>; acessado em 18/07/2015.

⁵ Página da Fundação Itaú Social, sobre o Prêmio Itaú-Unicef:

⁶ Página da Organização Bem TV, “A nossa história”: <http://www.bemtv.org.br/portal/nossaHistoria.php>

⁷ Página da Organização Bem TV, “Quem somos”: <http://www.bemtv.org.br/portal/quemSomos.php>

Para descrever brevemente a história da organização Bem TV, se faz importante apresentar dados gerais a respeito do seu contexto territorial; a cidade de Niterói. Em uma área de aproximadamente 133,916 km² com população residente de 487.562 pessoas e PIB per capita de 30.728,51, o município apresenta um IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, de acordo com o IBGE de 0,837, registrado em 2010, enquanto esse mesmo índice é de 0,799 para a cidade do Rio de Janeiro.

Inicialmente as atividades da Bem TV se deram no Morro do Preventório, em Niterói. A ideia era oferecer a apropriação da técnica do audiovisual com o propósito de alimentar um debate político. Para tanto, uma das primeiras atividades da Bem TV foi o levantamento da memória do Morro para que a realidade local fosse retratada através de fotografias e vídeos, enfocando alguns recortes que remetessem à história e à cultura da região. Ao adentrar a comunidade com câmeras, atraiu a população jovem e naturalmente os processos formativos foram direcionados para os jovens do Morro do Preventório.

Com o crescimento econômico e expansão da cidade de Niterói, as ações da organização foram se expandindo para São Gonçalo. Cidade situada em 247,709 km² com população residente de 999.728 pessoas e PIB per capita de 11.786,62 reais, o município apresenta um IDHM de 0,739.

À medida que a secretaria de educação do Estado do Rio de Janeiro apontou a carência da região em projetos de formação para jovens e voltados para a inserção no mundo do trabalho, além da demanda dos próprios jovens moradores de São Gonçalo, houve a ampliação das atividades e iniciativas que ocorriam apenas em Niterói para o município de São Gonçalo.

“Em seus primeiros 10 anos a Bem TV atuou produzindo e exibindo vídeos em sete comunidades de Niterói: Largo da Batalha, Viradouro, Morro do Cantagalo, Monan, Castro Alves, Lara Vilela e Morro do Preventório em Charitas. Nessa última comunidade a Bem TV coordenou o comitê executivo do projeto “Preventório 21”, que em três anos implantou a agenda 21 local desta comunidade”⁸

Desta forma, a organização passou a atuar nos dois municípios na tentativa de trazer um diálogo sobre a região metropolitana do Rio de Janeiro. Em decorrência dessa trajetória atualmente a Bem TV “aposta na comunicação como metodologia de educação”. Com o passar dos anos, houve uma mudança de perspectiva e o caráter técnico da formação ganhou cada vez mais importância tendo em vista a demanda de inserção no mundo do

⁸ “Nossa história”: <http://www.bemtv.org.br/portal/nossaHistoria.php>

trabalho. Tendo em vista essa perspectiva, foi criada uma produtora-escola, a Bem TV produções.

A organização Bem TV busca enfrentar o processo de desigualdade social e fomentar o acesso à cultura, principalmente ao cinema por meio de suas ações. Ao levar em conta a educação formal de comunicação e democratização do acesso ao mercado do audiovisual, considerado elitizado, passou a estruturar cursos de formação voltados para meios como fotografia, mídias digitais e vídeos.

Na Bem TV produções, os alunos recém-formados são contratados para realizar trabalhos audiovisuais ⁹. Os recursos financeiros obtidos com a produção de vídeos, fotografias e publicações são inteiramente revertidos para os projetos sociais da organização. As equipes sempre empregam - de forma remunerada - jovens em formação na qualidade de assistentes/ aprendizes. Como empresa social, a um custo menor do usual no mercado, a Bem TV tem como missão viabilizar a jovens de camadas populares além de um espaço de formação, mas também de geração de renda. Entre suas produções realizadas estão: um ensaio sobre raça e etnia para o Unicef, um vídeo institucional do Conselho Nacional de Juventude e um programa televisivo para a TV Futura sobre experiências de arte e cultura em Niterói.

Atualmente a Bem TV trabalha com sete projetos; entre eles a Plataforma de Centros Urbanos, uma proposta do UNICEF para garantir os direitos de crianças e adolescentes de comunidades populares em grandes centros urbanos. O Educomunicar é um projeto iniciado em 2006 com o intuito de capacitar professores de escolas públicas de Niterói no fomento de projetos que integrem comunicação e educação. A Central de Notícias da Escola, também um projeto que visa a formação de professores diante da integração dos processos educativos e comunicacionais, mas numa abordagem de articulação de redes para produção e troca de conteúdos audiovisuais entre professores e alunos. Entre Fraldas e Cadernos é outro projeto da organização no qual 30 fotonovelas compõem um material informativo sobre a relação entre gravidez e estudos voltados para adolescentes de escolas públicas. Outros projetos são o Tela Interativa, que se baseou na criação de um piloto de programação de TV com o apoio da Oi Futuro, e a Central Solidária de Oportunidades, uma plataforma desenvolvida e mantida pela organização Bem TV com o objetivo de estreitar relações entre empresas e os jovens de Niterói e São Gonçalo, tendo

⁹ Tais trabalhos podem ser serviços de: cobertura e registro de eventos, vídeos institucionais, produção de materiais didáticos digitais, ensaios fotográficos de campanhas, exposições ou eventos e organização de publicações.

em vista oportunidades de trabalho. Por fim, a Bem TV promove ainda o Projeto Olho Vivo.

O Projeto Olho Vivo

Em 2003 surgiu na Bem TV o Projeto Olho Vivo¹⁰ que “acredita no jovem e na força da comunicação para transformar a sociedade” e se desenvolve em dois eixos: as Oficinas de Mídia (cursos de formação) e uma extensão do curso fomentada pelos próprios ex-alunos, o Grupo de Jovens Comunicadores. O projeto é apoiado pela Oi Futuro e conta com o patrocínio da Petrobrás, do Governo Federal e da União Europeia.

Primeiramente o projeto se desenvolveu no Morro do Preventório em Niterói através de oficinas de produção audiovisual, voltadas para questões daquela localidade e seus moradores por meio de um levantamento de memória da comunidade. Mais tarde se estendeu a outras comunidades de Niterói: Jurujuba, Grotta, Morro do Estado e Caixa D’água. Em 2014 o projeto, atendendo a uma demanda dos próprios jovens participantes, passou a atuar também no município de São Gonçalo.

Como uma das vertentes do projeto, as Oficinas de Mídia se referem a um processo de formação para adolescentes e jovens de 15 a 29 anos de camadas populares, residentes dos municípios de Niterói e São Gonçalo. O processo formativo se desenvolve em aproximadamente seis meses e é voltado para a área de comunicação e mídia, buscando desenvolver competências para o mundo do trabalho. Ao final do curso cada grupo de jovens constrói coletivamente um produto midiático sobre um tema relevante para sua comunidade diante da perspectiva social ou política. Este trabalho produzido pelos adolescentes e jovens pode assumir diversos formatos tais como: fotografia, filme, blog e aplicativos para dispositivos móveis.

As Oficinas de Mídia pretendem ir além da formação técnica do âmbito de comunicação e estabelecer um debate político acerca do contexto destes jovens, visando principalmente a formação social e cidadã. Para isso, além da formação técnica, ou seja, as aulas de câmera, roteiro (no caso do audiovisual), ou de desenvolvimento de um aplicativo, há também aulas-debate em que são discutidas questões como democratização da mídia, acesso à comunicação, mobilização social, cenário político atual, violência nas comunidades, papel da mulher entre outros temas; o principal objetivo é contextualizar a aprendizagem técnica com o cotidiano dos jovens.

¹⁰ Página do Projeto Olho Vivo: <http://www.bemtv.org.br/projeto-olho-vivo/> ; acessada em 18/07/2015.

Nos cursos de formação, o aluno tem aulas técnicas sobre o desenvolvimento do seu produto midiático seja no formato de vídeo, fotografia, mídias digitais ou aplicativo passando por todas as etapas de execução. A exemplo dessas produções está o curta-metragem “Um Sonho de Menina” realizado em São Gonçalo e que trata de forma sutil a temática da violência, mais especificamente ilustrando uma história sobre bala perdida. O filme tem o rap como trilha sonora e se utiliza do grafite para a produção cenográfica. Os alunos desenvolveram o roteiro, a filmagem e a edição do vídeo.

O *blog* “Rua in Foco”¹¹ iniciado em 2014 é outra produção recente desse grupo. Com o principal objetivo de valorizar a cultura local, a plataforma traz fotos produzidas pelos participantes do Olho Vivo, mas ali também são divulgados eventos culturais da cidade de São Gonçalo e também traz um mapa cultural colaborativo de São Gonçalo com lugares e expressões emblemáticos da cidade como a “Rua da Feira”, uma rua comercial voltada para a moda e vestuário tema de um ensaio fotográfico produzido pelos alunos. Os jovens envolvidos neste projeto pretendem estender a produção para um aplicativo de celular para informar os residentes da cidade sobre as atividades culturais de São Gonçalo.

A outra vertente do projeto é o grupo Jovens Comunicadores, uma extensão dos processos formativos. Nele os jovens se mobilizam para a participação em fóruns de juventude, e também para a inserção no mundo do trabalho; buscando espaços em que possam trabalhar e utilizar o conhecimento adquirido nas Oficinas de Mídia, como debates realizados no Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

Entre as atividades desenvolvidas pelo grupo houve a produção coletiva de uma carta-documento em meados de março em uma reunião em Niterói com jovens de São Gonçalo e Niterói. Cada um dos jovens presentes, advindos do grupo de Jovens Comunicadores, alunos e ex-alunos do Projeto Olho Vivo bem como participantes da iniciativa Central Solidária de Oportunidades, puderam expor individualmente seus anseios sobre o mundo do trabalho nos seus municípios. Em seu formato final, a carta-documento se apresentou através de alguns trechos, da seguinte forma:

“Nós, jovens de São Gonçalo, entendemos o trabalho não apenas como uma fonte de renda, mas também de aprendizado e realização individual e coletiva. Por isso valorizamos a ideia do “Mundo do trabalho”, que inclui, além do mercado de trabalho, todos os recursos e processos necessários para uma pessoa projetar o seu futuro profissional.

¹¹ Blog “Rua in Foco” produzido pelos alunos: <https://ruainfoco.wordpress.com/> e da página em rede social: https://www.facebook.com/ruainfoco?fref=pb&hc_location=profile_browser [Maio de 2015].

O mundo do trabalho é importante e deveria oferecer benefícios ao coletivo de maneira justa. No entanto ele favorece apenas algumas pessoas, em função principalmente de sua origem social. Negros, pobres, jovens, mulheres, transgêneros, homossexuais, entre outros, enfrentam problemas para se estabelecer no mercado de trabalho, pois encontram barreiras como o preconceitos e dificuldades financeiras.

Para resolver o problema do acesso e permanência do jovem no mercado de trabalho em condições dignas – como orienta a Agenda Nacional de Trabalho Decente – seria necessário mudar todo o sistema educacional brasileiro. Essa será sempre uma luta das juventudes. Mas enquanto isso não acontece, encaminhamos algumas sugestões:

1) Diversificar a oferta de cursos oferecidos por políticas públicas como PRONATEC, PROJOVEM entre outros. Não oferecer apenas cursos tradicionalmente voltados para a classe popular como manicure, pedreiro, padeiro... Não que essas profissões não sejam importantes, mas é preciso oferecer mais opções. É preciso respeitar o perfil, o potencial e o desejo dos jovens e considerar a realidade socioeconômica da região...

...8) Considerando que o mundo do trabalho vai além da compra e venda de força de trabalho é preciso garantir à juventude acesso de forma ampla aos aparelhos culturais e de educação. Por isso não devemos abrir mão da meia-entrada e do passe livre bandeiras históricas do movimento de juventudes.

9) Maior divulgação das oportunidades de acesso ao “Mundo do Trabalho” existentes, através de veículos acessados pelos jovens, principalmente os de classe popular. (Ex. postos de saúde, escolas, redes sociais de grupos e organizações de jovens...). Não apenas colocar cartazes. É preciso de uma pessoa multiplicando a informação.

10) O poder público deve se articular com fóruns das juventudes, ONGs e lideranças comunitárias para promover e orientar essa multiplicação. Além disso, a gestão pública deve buscar meios de multiplicar informação através das redes dos próprios jovens”.

Além dessa produção no formato de carta, alguns jovens gravaram em vídeo mensagens relacionadas aos anseios do documento resumidos em frases sucintas, para assim dar forma, cor e som aos sujeitos autores da carta. O documento foi apresentado no seminário "Juventudes e o Mundo do Trabalho" na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. O evento contou com a participação da Secretaria Nacional de Juventude e representantes do governo municipal que leram a carta e se propuseram dar algum encaminhamento a respeito.

Considerações finais

A Convenção das Nações Unidas para os Direitos das Crianças (United Nations Convention on the Rights of Children – CRC), desde 1989 veicula a participação como um “direito fundamental de todas as pessoas jovens”¹². Há, portanto uma mudança de paradigma em

¹² A Convenção sobre os Direitos da Criança, UNICEF:
http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf [Julho de 2015]

que os jovens são vistos apenas como indivíduos passivos e vulneráveis para cidadãos atuantes, com papel de criar, opinar e criticar os contextos que os afetam.

Em contraposição à passividade do jovem, há um desdobramento conceitual de protagonismo juvenil, utilizado no Brasil principalmente dentro da discussão de aspectos da educação formal como a revisão e reforma curricular do ensino médio, na qual o jovem assume o papel central. Tratando o jovem como sujeito, de ação e de discurso, a antropóloga Rossana Reguillo apresenta uma interessante perspectiva:

Los jóvenes van a ser pensados como un sujeto con competencias para referirse en actitud objetivante a las entidades del mundo, es decir, como sujetos de discurso, y con capacidad para apropiarse (y movilizar) los objetos tanto sociales y simbólicos como materiales, es decir, como agente sociales. En otras palabras, se reconoce el papel activo de los jóvenes en su capacidad de negociación con las instituciones y estructuras. En este tipo de acercamiento se opera una distancia entre un pensamiento que “toma” el mundo social y lo registra como *datum*, como dato empírico independiente del acto de conocimiento y de la ciencia que lo propicia (Bourdieu, 1995), y un pensamiento que es capaz de hacer la crítica de sus propios procedimientos. (REGUILLO, 2000)

Desta forma, o protagonismo juvenil é visto como um caminho pedagógico para a formação cidadã, pensar o jovem um agente social, englobando a interação entre adultos e jovens e colaborando para a construção da emancipação juvenil através da ação individual ou coletiva para problemas sociais. É importante considerar que o protagonismo juvenil como empoderamento dos jovens vem ganhando importância no cenário da América Latina. Vale ressaltar que para a Organização das Nações Unidas, esse empoderamento se refere a um mecanismo de combate à pobreza e para promover a integração social e se direciona principalmente a países mais pobres.

De acordo com a Unesco, o aumento da violência entre os jovens latino-americanos se relaciona significativamente com as desigualdades sociais e o não-acesso à riqueza e cidadania (UNESCO, 2002). Organismos internacionais como a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) têm ressaltado cada vez mais a importância em pensar os jovens segundo uma perspectiva dupla em que eles seriam receptores de serviços públicos de enfrentamento à exclusão social e tidos também como atores estratégicos no desenvolvimento de sociedades mais igualitárias e democráticas. Há, portanto, a preocupação em promover a participação juvenil, colocando como principal projeto dos jovens a conquista de sua autonomia (CEPAL, 2000).

Analisando essas colocações de organismos internacionais, emerge uma questão: como consolidar a posição dos jovens como sujeitos sociais? Diante da discussão sobre o empoderamento desses grupos sociais, as políticas de visibilidade se colocam como um dos

temas-chave. As formas como diversos grupos de jovens se expressam, se manifestam, suas linguagens começam a ganhar voz a partir do momento em que ocupam o espaço público. Levando em conta essa ocupação, bem como a busca pela visibilidade, a cena comunicacional assume o papel principal através da veiculação das expressividades juvenis (AGUILERA, 2014).

Há uma importância simbólica do aspecto educacional, uma vez em que há a inflação escolar, ou seja, quando o acesso à escola principalmente ao ensino médio se torna universalizado, este título concedido pela escola torna-se desvalorizado e perde ainda mais valor quando se torna acessível às classes populares, compostas por pessoas “sem valor social”. Consequentemente há uma inserção mais difícil no mundo do trabalho, que por sua vez torna-se mais exigente com a requerência de títulos educacionais. O cenário de oportunidades precárias e desiguais de empregabilidade especialmente para este segmento populacional destaca um desafio importante para a inclusão social destes jovens não só no âmbito do trabalho, mas em uma perspectiva mais ampla.

Indo além do aspecto educacional que também compõe o índice de desenvolvimento humano municipal; Apesar da pouca diferença entre os IDHM dos municípios de São Gonçalo e Niterói em comparação com a cidade do Rio de Janeiro¹³, os jovens expressam a respeito de como se veem e são vistos sendo moradores desses municípios, considerados mais pobres do que a capital.

Os meninos e meninas relatam que muitos moradores desses dois municípios têm vergonha de dizer sua cidade de origem, mas que eles aprenderam a ter orgulho de ser gonçalense ou niteroiense. Contam com entusiasmo a respeito das batalhas de *rap* na roda cultural que ocorre na Praça da Trindade. Mas também colocam seu descontentamento em relação ao acesso à cultura, como teatro, cinema e aos cursos profissionalizantes oferecidos em suas cidades em maior parte pelo Governo, centrados em profissões de padeiro, manicure, estaleiro, eletricitista. Reconhecem a importância desses ofícios, entretanto questionam por que não são oferecidos cursos voltados para desenvolvimento de aplicativos ou audiovisual?

Desta forma, o desenvolvimento de um aplicativo para telefones celulares com perguntas no formato de “quiz” a respeito de curiosidades sobre São Gonçalo ou um levantamento de memória através de fotografias da cidade se apresentam como produções

¹³ De acordo com a fonte IBGE Cidades, os IDHM de São Gongalo, Niterói e Rio de Janeiro são de: 0,739; 0,837; 0799 respectivamente.

com potencial para a valorização da cultura local para esses jovens e para que eles mesmos conheçam suas origens e ampliem seu senso crítico diante da sua identidade.

Entretanto, ao tratar de protagonismo, ainda há muito por fazer, pois esses jovens, ainda que se coloquem seja no mercado de trabalho audiovisual ou em discussões com o poder público, o fazem sempre representados por uma organização. Isso significa que ainda há o intermédio de adultos como condição para a expressividade dos jovens, o que questiona a voz juvenil representada por eles mesmos como propõe organizações como a Unesco e o UNICEF. Pode ser que estejamos caminhando para cada vez mais jovens se colocando à frente das discussões e expressões, para tanto, há uma grande importância em continuar a investigação sobre suas produções culturais e como as mesmas são apresentadas e percebidas pelas diversas esferas sociais, comandadas pelo universo adulto.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, O. Generaciones: Movimientos juveniles, políticas de la identidad y disputas por la visibilidad en el Chile neoliberal. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CEPAL. Adolescencia y juventude em America Latina y el Caribe: problemas, oportunidades y desafios en el comienzo de um nuevo siglo. In: Serie Población y Desarrollo, n9). Santiago de Chile: CEPAL, 2000.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei n. 8.069 de 13/07/1990. São Paulo: Atlas S.A., 1997.
- MARTÍN-BARBERO, J. A Comunicação na Educação. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, J. Jóvenes: comunicación e identidad. Revista de Cultura da OEI – Organização dos Estados Iberoamericanos, n. 0, 2002.
- NOVAES, R. R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- REGUILLO, R. Emergencia de culturas juveniles: estrategias del desencanto. México: Editorial Norma, 2000.
- REGUILLO, R. Cultura Juveniles: formas politicas del desencanto. Buenos Aires: Ed. Minima, 2011.
- UNESCO. Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas, 2002: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf> (consultado em: 01/05/2015).
- UNICEF. Participação Cidadã de Adolescentes e Jovens: Marco de Referência, 2014: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_participacao_cidada2015.pdf (consultado em: 01/05/2015).